

EMPRESAS

MARC RECHTER PROMOTOR DO “GREEN FLAMINGO”

Hidrogénio português já tem três alvos e muita pressa

Portugal planeia produzir hidrogénio verde a partir de 2021. O promotor desta ideia, Marc Rechter, aponta portas abertas na Alemanha, Holanda e Japão, mas diz que Portugal tem de se apressar para lá chegar.

ANA BATALHA OLIVEIRA
anabatalha@negocios.pt

Marc Rechter é o promotor do “Green Flamingo” – um conjunto de projetos que formam uma estratégia global para o hidrogénio verde, da qual Portugal pode vir a fazer parte. Para isso, é necessária a criação rápida de capacidade de produção e de uma cadeia de fornecimento, defende o holandês, que, por cá, preside à Associação Empresarial de Energia Solar de Alcoutim, a Enercoutim.

O arranque do projeto em Sines está planeado para 2021. O que podemos esperar nesse ano?

Vamos ter de ver o potencial de procura no mercado europeu. Em Portugal, vamos ter de nos ajustar. Pelos estudos que existem a nível de descarbonização, a procura é enorme. Até 2050, o potencial de mercado será de muitas centenas de gigawatts de capacidade. Há muito espaço para crescimento.

Apesar de a fase ser inicial, já há uma estimativa de qual vai ser o custo de produção?

Sim, claro que há, mas não queria partilhar porque ainda estamos numa fase de análise. Temos de perceber que durante os próximos dez anos temos de chegar a uma situação em que o aumento de produção industrial atinja um preço que seja competitivo.

Mas é possível um início competitivo?

Posso dizer que provavelmente. Uma das componentes mais impor-



João Miguel Rodrigues

tantes da competitividade do hidrogénio é o custo da eletricidade, e nós sabemos que o custo da energia solar em Portugal é muito competitivo. Por isso, o hidrogénio verde é uma oportunidade estratégica.

Estamos a ser “first movers”?

Gostaríamos de ser um dos “first movers”. Não somos o primeiro país, podemos é ser rápidos. Te-

mos vantagem em relação a alguns países, mas há outros com sol, por isso é importante sermos rápidos.

O projeto surge de olhos postos na Holanda, e a Alemanha apresenta planos para o hidrogénio [foram apresentados em fevereiro]. Estamos em negociações para exportar para lá?

“Não somos o primeiro país, podemos é ser rápidos.”

“Desde que trabalhemos rápido e bem, de certeza que conseguimos captar parte do mercado alemão.”

Sim, há contactos com entidades alemãs. A Alemanha também está a olhar para várias opções, como a Holanda está a olhar para várias opções. Mas desde que trabalhemos rápido e bem, de certeza que conseguimos captar parte do mercado alemão.

Em relação à Holanda estamos mais seguros?

Diria que temos de continuar a trabalhar muito para assegurar a nossa posição, não há exclusividade.

Esteve no Japão, com o secretário de Estado da Energia João Galamba. Dessa visita surgirão novidades em termos de exportação ou parcerias?

Sim. A questão do Japão é muito interessante, uma vez que tem empresas bastante avançadas a nível tecnológico, com as quais

podemos aprender. Já estamos a aproveitar esse conhecimento com o Caetano Bus [projeto da Toyota Caetano]. Além disso, há oportunidades relacionadas com a geopolítica e segurança energética. Hoje é muito claro que o abastecimento de gás e petróleo é cada vez menos estável, a nível da Rússia e do Médio Oriente. Isto, além dos objetivos de descarbonização da economia. E a Europa e Japão parecem-me bastante alinhados nesta preocupação, pelo que podem existir oportunidades de colaboração.

Mas a visita resulta em possíveis sinergias?

Sim, possíveis parcerias.

Quanto à rede de exportação, qual a alternativa mais viável para já? Os gasodutos ainda são uma hipótese?

Vai depender da aceleração da utilização nos mercados e de quem procura. Temos de pensar no cliente, é ele que vai determinar como vamos transformar e transportar. Poderá ser por gasoduto ou por barco, se for para exportação.

Via marítima para exportação e gasodutos para consumo interno?

Acho que sim, faz mais sentido. Gasodutos podem vir a ser uma realidade, mas sabemos que leva mais tempo do que um navio.

Já há empresas interessadas em substituir combustíveis fósseis na sua produção de hidrogénio em Portugal?

Já houve manifestações de interesse nesse sentido. Acho que esta necessidade vai aumentar conforme nos aproximamos de 2030, porque a nível europeu existem diretrizes muito específicas. ■